



XIII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



19 a 21 de Setembro de 2019 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **20/08/2019**

Aprovado em: **24/08/2019**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2019.13.04.38>

SURDEZ E LIBRAS: UMA REFLEXÃO ACERCA DAS CRENÇAS EXISTENTES NA COMUNIDADE MAJORITÁRIA OUVINTE DEAFNESS AND POUNDS: A REFLECTION OF THE EXISTING BELIEFS IN THE MAJORITY OF THE COMMUNITY DEAFNESS Y LIBRAS: UNA REFLECCION SOBRE LAS BELIEFS EXISTENTES EN LA COMUNIDAD DE LISTENER DE MAYORÍA

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

WESLEY JUNIO LOPES

RESUMO

Este artigo apresenta dados estatísticos colhidos através de entrevistas com pessoas que possuem faixa etária de 15 a 30 anos. O objetivo foi extrair informações e conhecimento da população ouvinte referente à comunidade surda. O uso do livro *O Voô da Gaviota* (LABORIT, 1996) foi de suma importância para ver como as pessoas do passado visualizavam os surdos e como a população de hoje ainda visualiza e tira conclusões precipitadas referente à comunidade surda e à sua cultura. As perguntas do questionário de pesquisa e feitas aos entrevistados, foram desenvolvidas a partir do livro "*LIBRAS? Que língua é essa?*" (GESSER, 2009). Tendo como base a entrevista desenvolvida, podemos ter resultados através das perguntas que foram feitas aos entrevistados. O resultado da pesquisa serviu para ter um conhecimento do que as pessoas ouvintes sabem sobre a surdez.

ABSTRACT

This article presents statistical data collected through interviews with people who are aged 15 to 30 years. The aim was to extract information and knowledge from the listening community to the deaf community. The use of the book *The Vote of Gaviota* (LABORIT, 1996) was of paramount importance to see how the people of the past viewed the deaf and how the population of today still visualizes and draw hasty conclusions about the deaf community and its culture. The questions from the research questionnaire and made to the respondents, were developed from the book " *LIBRAS? What language is that?* " (GESSER, 2009). On the basis of the interview developed, we can have results through the questions that have been asked to the respondents. The result of the research has served to have a knowledge of what the people listeners know about the deafness.

RESUMEN

Este artículo presenta los datos estadísticos recopilados a través de entrevistas con personas con edades que van desde los 15 a los 30 años. El objetivo era extraer información y conocimiento de la población oyente refiriéndose a la comunidad sorda. El uso del libro *O Voo da Gaviota* (LABORIT, 1996) fue de suma importancia para ver cómo la gente del pasado visualizaba a los sordos y cómo la población de hoy todavía visualiza y saca conclusiones apresuradas sobre la comunidad sorda y su cultura. Las preguntas del cuestionario de la encuesta y hechas a los entrevistados se desarrollaron a partir del libro "*LIBRAS? ¿Qué idioma es ése?*" (GESSER, 2009). Basándonos en la entrevista desarrollada, podemos tener resultados a través de las preguntas que se hicieron a los entrevistados. El resultado de la investigación sirvió para tener un conocimiento de lo que la gente escucha acerca de la sordera.

1. INTRODUÇÃO

A partir de uma sociedade majoritariamente ouvintes que não possui tanto contato com a comunidade surda, facilmente se atribui inúmeros significados e definições com base no senso comum. Percebe-se a dificuldade enfrentada pelos surdos em determinados lugares públicos, até mesmo em locais privados, pois o problema os quais os surdos passam são de acessibilidade lingüística. Além disso, é perceptível a falta de informações dos ouvintes que visualiza a comunidade surda, já que o discurso clínico é o que guia o modo de pensar de grande parte das pessoas e isso faz com que o surdo seja visto com outros olhos. Como afirma o surdo francês Ferdinand Berthier: “O que importa a surdez da orelha, quando a mente ouve? A verdadeira surdez, a incurável surdez, é a da mente.” (BERTHIER, 1845, p. 62).

Poucos sabem, mas o fator lingüístico é o que reprime os surdos a se socializarem em determinados lugares, já que há a ausência de intérprete ou pessoas que saibam Libras para os surdos comunicar-se com os ouvintes. Partindo desse contexto, pode-se dizer que a realidade é diferente do que a grande parte quer defender de como certo, pois se trata mais de fatores sociais, lingüísticos e culturais.

Muitas crenças são desenvolvidas e atribuídas à população surda e suas questões lingüísticas. Grande parte dos ouvintes, por falta de informação, pensa que a Libras é mímica ou gesto criado pelos surdos para a comunicação, porém falta aos ouvintes às informações necessárias que os leve ao esclarecimento necessário sobre surdez e Libras.

Um fato muito interessante presente no livro *O Vôo da Gaviota* (1996) da escritora surda Emmanuelle Laborit. Nessa bibliografia está contida toda trajetória enfrentada por ela. A autora faz uma reflexão sobre as definições criadas e atribuídas aos surdos. A partir de alguns relatos apresentados pela mesma nesse livro foi possível enxergar a falta de conhecimento dos pais que reprimem crianças que apresentam surdez. A autora relata que seu primeiro contato com a língua de sinais foi aos sete anos, algo que revolucionou a sua vida por completo e, assim, foi possível encontrar a comunidade do qual ela realmente fazia parte. Conforme ela afirma:

Foi um novo nascimento, a vida começou mais uma vez. O primeiro muro caiu. Havia ainda outros em torno de mim, mas foi aberta a primeira brecha em minha prisão, iria compreender o mundo com os olhos e com as mãos.” (LABORIT, cap. 7, p.51).

A partir dos argumentos apresentados por Emmanuelle Laborit em seu livro, é perceptível que ainda exista crianças passando pela mesma situação. Geralmente, pais de crianças surdas possuem informações mínimas sobre Libras e nenhum contato com a comunidade surda. Isso prejudica a criança em seu desenvolvimento.

Diante desse contexto, a pesquisa desenvolvida e apresentada aqui teve como objetivo buscar dados estatísticos do conhecimento que a comunidade ouvinte tem sobre assuntos relacionados à Libras e à surdez. Esses dados estão contidos nos tópicos posteriores que serão observados ao longo da apresentação desse artigo. Assim sendo, esse artigo possibilita ao leitor refletir sobre as crenças ainda existentes sobre a comunidade surda e suas implicações na vida da pessoa surda.

2. CRENÇAS EM TORNO DA COMUNIDADE SURDA E DA LÍNGUA DE SINAIS

Desde a Antiguidade e por quase toda a Idade Média, os surdos eram vistos como pessoas que não podiam ser educadas, nem mesmo exercer direitos legais, como casar e herdar bens. Percebidos com

piedade e compaixão, os surdos eram marginalizados. No início do século XVI, começa-se a admitir a educação para surdos através de metodologia que permitisse desenvolver pensamento através do ensino da fala e da compreensão da língua falada. Pensava-se que a habilidade de falar com a voz estava intrinsecamente associada à inteligência. Entretanto, esse ensino era restrito aos filhos de nobres, por isso, pouquíssimos surdos tinham acesso. Além disso, segundo Soares (2005), desde o início da Idade Moderna, os surdos eram alvos da medicina e da religião. Sendo uma deficiência relacionada a uma anomalia orgânica, a surdez-mudez constituía um desafio para medicina.

Segundo Goldfeld (2002), outro educador de grande importância para a educação de surdos foi o francês Abade Charles-Michel De L'Épée (1712-1789). A partir de 1750, Michel De L'Épée aprende a língua de sinais com os surdos que viviam nas ruas de Paris e cria os “sinais metódicos”, que combinavam língua de sinais com a gramática sinalizada francesa.

Até a década de 1870, o método gestual predominou sobre o método oral. Contudo, no Congresso de Milão, em 1880, regrediu todos os direitos já alcançados dos surdos, por decisão unânime dos representantes, os quais maioria era ouvinte e defensor do oralismo, logo a ideia principal apresentado era a proibição da utilização da língua de sinais para trabalho com surdo, dessa forma a única forma aceita seria o oralismo, que abandonaram a língua de sinais e as peculiaridades da comunidade surda.

Verifica-se que a preocupação não estava em discutir método de ensino, mas em substituir a língua de sinais pela língua oral. Goldfeld (2002, p. 31) ainda ressalta que os professores surdos não tiveram o direito de votar. Por isso, não se levou em consideração a reivindicação de muitos surdos que defendiam o uso das línguas de sinais. A partir daí, várias práticas educacionais oralistas foram desenvolvidas em vários países. A propósito, eis o que Goldfeld (2002, p. 31) afirma:

No início do século XX a maior parte das escolas em todo o mundo deixa de utilizar a língua de sinais. A oralização passou a ser o objetivo principal da educação das crianças surdas, e, para que elas pudessem dominar a língua oral, passavam a maior parte de seu tempo recebendo treinamento oral e se dedicando a este aprendizado. O ensino das disciplinas escolares como história, geografia e matemática foram relegados a segundo plano. Com isso, houve uma queda no nível de escolarização dos surdos.

Essa filosofia educacional oralista ou oralismo objetiva a integração da pessoa surda na comunidade ouvinte, proporcionando o desenvolvimento da língua oral e proibindo os surdos de utilizar qualquer tipo de comunicação através dos sinais. A criança é trabalhada e treinada para oralizar, pois os defensores dessa filosofia percebem a surdez como uma deficiência que precisa ser minimizada pela estimulação da audição.

A oralização deixou marcas profundas na vida de muitos surdos, pois a proibição do uso de sinais e a imposição aos treinamentos para recuperação da audição se traduzem em sentimentos de trauma, discriminação e frustração.

Esse método oralista também foi praticado no Brasil. Aqui, a educação de surdos iniciou-se em 1855, com a chegada do professor surdo francês Ernest Huet. Com o apoio de Dom Pedro II, Huet, em 1857, fundou, no Rio de Janeiro, a primeira escola para surdos no Brasil, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)[i]. Sobre esse instituto, Mazzotta (2005) afirma: “Desde seu início a referida escola caracterizou-se como estabelecimento educacional voltado para a “educação literária e o ensino profissionalizante” de meninos “surdos-mudos”, com idade entre 7 a 14 anos.” (MAZZOTTA, 2005, p. 29).

Além disso, ainda hoje após todo processo de conscientização e aceitação de partes dos ouvintes,

ainda encontramos pessoas desinformadas, as quais ainda utilizam discursos ultrapassados ao comentar sobre a comunidade surda. Apesar de terem maior acessibilidade nos dias atuais, a realidade ainda é distante do que se espera toda a comunidade, pois as pessoas ainda pensam que a Libras é mímica, acreditam que é uma língua universal e que todo surdo também é mudo.

Assim sendo, essa seção tem como objetivo esclarecer algumas crenças ainda existentes nos dias atuais. Essas crenças foram organizadas em forma de pergunta no questionário aplicado aos ouvintes para coleta de dados. Cada tópico abaixo, apresentará alguns esclarecimentos necessários para uma compreensão melhor da Libras e da comunidade surda desmistificando.

2.1 TODO SURDO É MUDO?

Não. É perceptível observar que muitas pessoas ao fazer um comentário sobre surdez, utilizam o termo surdo-mudo. Deve-se esclarecer que pode existir uma pessoa surda (comprometimento no aparelho auditivo) que também tenha problemas com o aparelho fonador e não consiga ser oralizado. Neste caso, podemos afirmar que se trata de surdez e mudez simultaneamente.

Entretanto, isso é raro. O surdo não é mudo, pois o mudo não emite nenhum som e o fato de não ouvir não impede que o surdo não fale. Assim, o ato de falar é técnica, e se o surdo tiver um acompanhamento com especialistas da área, ele poderá desenvolver a fala através da técnica conhecida por oralização, porém isso varia de pessoa, idade, etc. Assim, deve-se ficar entendido que a pessoa muda tem problemas no aparelho fonador, já a pessoa surda no aparelho auditivo (GESSER, 2009).

2.2 SURDO E DEFICIENTE AUDITIVO É A MESMA COISA?

Não. Surdo e deficiente auditivo não são a mesma coisa. O termo Surdo é o mais aceito pela comunidade surda. As pessoas em inúmeras vezes acham que seria menos ofensivo chamar o surdo de deficiente auditivo, no entanto por questões sócias e de toda uma identidade atribuída por eles, eles não se consideram deficiente e sim uma diferença sócio – linguística.

Laborrit (1994) ao argumentar sobre isso afirma: “Recuso-me a ser considerada excepcional, deficiente. Não sou. Sou surda. Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta, é a sociedade que me torna excepcional.”

Deve-se esclarecer que, historicamente, constituíram-se duas concepções da surdez. Em uma delas a surdez se define como deficiência, trata-se de uma visão patológica, fruto da tradição médica que vê o surdo com portador de uma deficiência, precisando ser “normalizado”, ou seja, tornar-se ouvinte. Na outra concepção, de viés cultural, a surdez é vista como diferença, há aceitação e valorização das línguas de sinais como também há o reconhecimento de que a pessoa surda pertence a uma comunidade com cultura própria. Como afirma Fernandes (2007):

Muito além da dimensão biológica e limitada da surdez encarada como “deficiência auditiva”, “limitação fisiológica” ou “patologia”, que os bancos escolares edificam sob a égide da cientificidade, está a dimensão sócio-histórico-cultural que a caracteriza como diferença construída historicamente e, portanto, geradora de identidades múltiplas e multifacetadas. (FERNANDES, p. 59)

Desta forma, para a comunidade surda, a utilização do termo deficiente auditivo é destinada a padrões fisiológicos e fundamentando-se pelo viés cultural não é uma deficiência, mas, uma diferença.

2.3 APARELHO AUDITIVO AJUDA O SURDO A OUVIR MELHOR?

Mito. O aparelho auditivo que muitos conhecem representado é apenas um amplificador de som. Sua função é amplificar o som, ou seja, para pessoas que possuem uma surdez leve, o som pode ser amplificado com a utilização desse aparelho, dando uma estabilidade na audição. Em caso de pessoas que possuem surdez profunda e severa escutam-se apenas ruídos e, em determinadas situações, o proteja de incidentes.

Muitos ouvintes pensam que o aparelho auditivo vai fazer com que o surdo escute a voz humana, porém temos que levar em consideração que se trata apenas de um amplificador de som (GESSER, 2009).

2.4 A LIBRAS É UMA LÍNGUA UNIVERSAL?

Não. A LIBRAS é denotada como Língua Brasileira de Sinais, ou seja é uma língua utilizadas pelos surdos brasileiros e por aqueles que queiram ter um contato direto com os surdos sem precisar de intérprete. Esse reconhecimento da Libras como língua oficial da comunidade surda brasileira foi oficializada pela Lei 10.436 de 2002.

A LIBRAS não é universal, pois é a língua de sinais da comunidade surda brasileira. Um exemplo clássico é ao observar todas as populações do planeta, vemos a diversidade de idiomas, a mesma coisa acontece com a língua de sinais. A língua de sinais brasileira é diferente da língua americana de sinais, que é diferente da língua japonesa de sinais, italiana e, assim, sucessivamente. Vale ressaltar também que dentro do próprio país a Libras sofre variações de região para região, ou seja, como na língua oral existe as variações linguísticas regionais, na Libras acontece a mesma coisa, há a presença de variações regionais (QUADROS & KARNOPP, 2004).

2.5 LIBRAS É MÍMICA OU POSSUI SINALIZAÇÃO ESPECÍFICA?

A libras não é mímica, ela possui toda sinalização específica e sua construção de sinais desenvolvida pelos surdos. Logo, a Libras pertence a comunidade surda e todos aqueles que a praticam. A Língua de Sinais não é só uma opção, mas sim um direito dos Surdos.

Vale ressaltar que a Libras não é um criação a partir da língua oficial do país, ela possui sinalização e estrutura específica direcionada a toda comunicação. Para cada sinal existe uma padronização, portanto, o sinal não é feito aleatoriamente e sem padrões específicos como é feita a mímica.

2.6 LIBRAS TEM NORMA GRAMATICAL?

Sim. Várias pesquisas linguísticas constataram que as línguas de sinais têm gramática. Tais pesquisas iniciaram-se com William Stokoe em 1960, verificando três primeiros parâmetros na Língua Americana de Sinais (ASL). Tais parâmetros foram configuração de mãos, Ponto de articulação ou locomoção e movimento. Já na década de 1970 Robbin Battison(1974), Edward S. Klima e Ursulla Bellugi (1979) fizeram estudos aprofundados da gramática americana de sinais (ASL) e

acrescentaram um quarto parâmetro o qual ficou denominado de orientação da palma da mão. A expressão facial foi o último parâmetro a ser adicionado na estrutura gramatical, refere-se à utilização de formas não-manuais ao empregar a LIBRAS.

Devemos ressaltar que toda língua tem gramática e o mesmo acontece com as línguas sinalizadas. Assim, Libras possui parâmetros e estrutura gramatical nos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semântico-pragmático. (QUADROS & KARNOPP, 2004).

2.7 TODO SURDO FAZ LEITURA LABIAL?

Não. Nem todos os surdos possuem técnicas de leitura labial, surdos que são oralizados podem fazer a leitura labial e compreender corretamente. As técnicas a serem desenvolvidas para que um surdo se aproprie de tal habilidade se faz necessário acompanhamento com um especialista da área de fonoaudiologia durante anos.

Gesser (2009) deixa bem claro a forma como um ouvinte que desconhece o assunto, costuma agir perante um surdo: o ouvinte começa a gesticular e a falar num tom de voz mais alto que o habitual. A falta de conhecimento faz com que ainda aconteça esse tipo de situação no dias atuais.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Período: A pesquisa foi realizada no período de 27 de agosto de 2018 a 15 de maio de 2019. As interrogações ocorreram em três municípios do estado de Sergipe: Boquim, Aracaju e São Cristóvão.

Instrumento da pesquisa: O método utilizado foi a elaboração de sete perguntas, as quais originaram-se do conteúdo presente no livro: “*LIBRAS? Que língua é essa?*”, escrito por Audrei Gesser (2009). Desta forma, foi utilizado um questionário padrão previamente elaborado para aplicação das entrevistas. As respostas do questionário tinham três opções objetivas: 1) sim, 2) não e 3) não sei responder composto pelas seguintes perguntas:

Q1. Todo surdo é mudo?

Q2. Surdo e deficiente auditivo é a mesma coisa?

Q3. Aparelho auditivo ajuda o surdo a ouvir melhor?

Q4. A libras é uma língua universal?

Q5. Libras é mímica ou possui sinalização específica?

Q6. Libras tem norma gramatical?

Q7. Todo surdo faz leitura labial?

Etapas da pesquisa: A pesquisa foi dividida em 2 etapas: Na primeira foram investigadas apenas as questões de pesquisas I, II e III. A metodologia introduzida inicialmente foi a entrevista nas ruas das cidades a pessoas aleatoriamente, porém com ênfase nos estudantes da rede pública e privada de ensino básico e via rede sociais. Na segunda etapa, foram investigadas as questões IV, V, VI e VII via redes sociais, ou seja, virtualmente com auxílio de um smartphone, notebook.

Sujeitos da pesquisa: As questões foram feitas a jovens e adultos com o objetivo de adquirir dados estatísticos referente ao conhecimento do ouvinte sobre o tema surdez e Libras. As 3 perguntas

iniciais localizada a cima, foram feitas à 80 pessoas com idade de 15 a 30 anos. As 4 últimas perguntas foram feitas via redes sociais, onde foram entrevistadas 57 pessoas. Os 57 entrevistados estão dentro da faixa etária dos 15 aos 30 anos de idade.

Os dados coletados serão apresentados graficamente a seguir:

4. RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados todos os resultados obtidos com a aplicação do questionário.

4.1 QUESTÃO DE PESQUISA I

Foram coletados dados através de entrevista feita a 80 pessoas. A questão de pesquisa utiliza foi justamente: **“Todo surdo é mudo?”**. O objetivo foi de coletar informações do que as pessoas sabem a respeito da questão proposta, referente a comunidade surda. Obteve-se o seguinte resultado: 64% responderam que sim, equivalente a 51 pessoas, 36% disseram que não, referente a 29 dos entrevistados.

A partir desses dados mencionados acima foi possível gerar uma representação categorizada, que está presente na tabela 1, logo foi possível visualizar que mesmo com todos os avanços, modificações e inclusão dos surdos, grande parte da população ainda não sabe argumentar sobre a comunidade surda e sua cultura, assim cria suas próprias definições a respeito.

Tabela 1 – Percepção dos participantes da pesquisa sobre a pergunta “todo surdo é mudo?”

Informações	Nº de pessoas	Porcentagem (%)
Sim	51	64%
Não	29	36%
Não souberam responder	0	0
Total	80	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, 2019.

4.2 QUESTÃO DE PESQUISA II[ii]

A pergunta feita aos ouvintes foi se **“surdo e deficiente auditivo é a mesma coisa?”**. Foi perceptível que os fatores fisiológicos estão presentes na realidade vivenciada no cotidiano, logo se pode afirmar que os fatores característicos da comunidade surda, raramente são pensados.

Dos 80 entrevistados obteve-se o seguinte resultado que está apresentado na tabela 2, localizada abaixo. 54 afirmaram que sim, equivalente a 67%, 24 dos entrevistados responderam que não referente a 30% e 3% não souberam, pois argumentaram que nunca teriam pensado nessa possibilidade a qual foi apresentada duas coisas distintas ao serem interrogados.

Tabela 2 – Percepção dos participantes da pesquisa sobre a pergunta “surdo e deficiente auditivo é a mesma coisa?”

Informações	Nº de pessoas	Porcentagem (%)
Sim	54	67%
Não	24	30%
Não souberam responder	2	3%
Total	80	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, 2019.

4.3 QUESTÃO DE PESQUISA III

Através do gráfico apresentado na figura 3, pode-se visualizar as informações presentes na vida dos ouvintes, quando se diz respeito ao aparelho auditivo. A questão trabalhada com os entrevistados foi se “*Aparelho auditivo ajuda o surdo a ouvir melhor?*”. Através dessa pergunta foi possível coletar as informações que geraram o gráfico abaixo. Dos 80 entrevistados, 42 responderam sim, representando 52%, 38 responderam não, equivalente a 48%. A maioria pensa que o aparelho livra o indivíduo da surdez, mas é apenas um amplificador sonoro. Foi perceptível através dos dados informados que a questão mais dividida entre os ouvintes foi justamente esta questão 3.

Tabela 3 – Percepção dos participantes da pesquisa sobre a pergunta “aparelho auditivo ajuda o surdo a ouvir melhor?”

Informações	Nº de pessoas	Porcentagem (%)
Sim	42	52%
Não	38	48%
Não souberam responder	0	0%
Total	80	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, 2019.

4.4 QUESTÃO DE PESQUISA IV

A libras é uma língua universal? Essa questão nos leva a refletir qual o conhecimento da população sobre a Língua Brasileira de Sinais. Ao coletar os dados verificamos a ausência de um conhecimento básico sobre a língua sinalizada.

Obtemos dos 57 entrevistados: 16 pessoas disseram sim e foi equivalente a 28% , 29 pessoas responderam não totalizando 51 % e 12 pessoas recusaram responder gerando 21%. Dessa forma foi possível elaborar o gráfico que se encontra visível na figura 4 abaixo.

Tabela 4 – Percepção dos participantes da pesquisa sobre a pergunta “a libras é uma língua universal?”

Informações	Nº de pessoas	Porcentagem (%)
Sim	16	28%
Não	29	51%
Não souberam responder	12	21%
Total	57	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, 2019.

4.5 QUESTÃO DE PESQUISA V

A questão de pesquisa trabalhada foi: **Libras é mímica ou possui sinalização específica?** O principal objetivo foi investigar se as pessoas entendem Libras como mímica, ou seja, uma conversação feita aleatoriamente.

Para obter uma resposta mais precisa, esta pergunta teve uma configuração de resposta diferenciada das outras. As alternativas eram escolher: 1) se era mímica, 2) sinalização específica, 3) Não sei responder. Dos 57 entrevistados obtivemos: 5 pessoas disseram que era mímica, 40 sinalização específica e 12 não responderam, gerando 9%, 70% e 21% respectivamente os dados percentuais da tabela 5.[iii]

Tabela 5 – Percepção dos participantes da pesquisa sobre a pergunta “Libras é mímica ou possui sinalização?”

Informações	Nº de pessoas	Porcentagem (%)
Mímica	5	9%
Sinalização Específica	40	70%
Não souberam responder	12	21%
Total	57	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, 2019.

4.6 QUESTÃO DE PESQUISA VI

O objetivo desta pergunta “**Libras tem norma gramatical?**”, foi como a população entende questões gramaticais e língua de sinais.

Dos 57 entrevistados, 34 pessoas disseram sim gerando 60% em dados percentuais, 7 responderam que não equivalente 12% a em dados percentuais, 4 não souberam responder gerando 7% e 12 equivalente a 21% se recusaram a responder. A partir desses dados informados acima se pode representar graficamente.

Tabela 6 – Percepção dos participantes da pesquisa sobre a pergunta “Libras tem norma gramatical?”

Informações	Nº de Pessoas	Porcentagem (%)
Sim	34	60%
Não	7	12%
Não souberam responder	4	7%
Se recusaram a Responder	12	21%
Total	57	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, 2019.

4.7 QUESTÃO DE PESQUISA VII

A questão trabalhada foi: ***Todo surdo faz leitura labial?*** Como todo processo metodológico desse trabalho foram entrevistadas 57 pessoas. As respostas foram surpreendentes, pois as pessoas responderam com muita convicção. Alguns tentaram argumentar sobre o questionamento, como por exemplo, uma professora da rede Estadual de ensino, que após responder ao questionário, deu a seguinte justificativa: *“Se nós que falamos temos dificuldade em entender, quando alguém quer conversar e fica fazendo gestos com a boca sílaba por sílaba, imagine um surdo que não possui o domínio da fala.*

A partir das informações colhidas foi possível desenvolver os dados encontrados na tabela abaixo: dos 57 entrevistados apenas 4 pessoas falaram que sim, correspondendo a 7 %, 41 pessoas disseram que não, equivalente a 72% e 12 pessoas não se posicionaram sobre o assunto, completando o quadro com 21%.

Tabela 7 – Percepção dos participantes da pesquisa sobre a pergunta “Todo surdo faz leitura labial?”

Informações	Nº de pessoas	Porcentagem (%)
Sim	4	7%
Não	41	72%
Não souberam responder	12	21%
Total	57	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa, 2019.

5. DISCUSSÃO

A partir dessa pesquisa, foi possível fazer um levantamento de dados, sobre o que as pessoas ouvintes sabem sobre o tema surdez e Libras nos dias atuais. Foi bem perceptível que em pleno século XXI, após tantas lutas por direitos e valores percebemos que a maioria dos ouvintes ainda desconhece assuntos direcionados a comunidade surda.

Durante as entrevistas, algumas vezes, as pessoas apresentaram comentários ao defender sua opinião, a maioria respondeu com muita empolgação e também curioso com as perguntas a serem feitas nas entrevistas, pois a priori não sabiam do que se tratavam, alguns até nervosos.

Após aplicação do questionário alguns entrevistados sentiram vontade de saber quais seriam as respostas corretas e se eles acertaram as respectivas perguntas apresentadas. Isso é muito relevante, pois demonstrar interesse pelo assunto é um grande passo para obtenção de conhecimentos necessários sobre surdez e Libras.

Com a pesquisa, pode-se concluir que apesar da mídia disponibilizar informações sobre o assunto aqui tratado e investigado, ainda é perceptível um desconhecimento do assunto pela maioria das pessoas. Ainda encontramos comentários preconceituosos em muitos discursos apresentados pelos ouvintes, isso é algo bem claro e perceptível, já que ao unirmos e falarmos sobre determinados assuntos em defesa de um bem comum, sempre haverá um comentário inapropriado, fruto da falta de informação.

Apesar de todo o avanço cultural, ainda é visível a forma de pensar da população majoritariamente ouvintes. Há de forma perceptível, um desconhecimento linguístico sobre língua de sinais e sobre aspectos culturais da população surda.

Além disso, percebe-se que em meio a tantas modificações e ampliação do contato entre as comunidades de surdos e ouvinte, porém sem a presença de um intérprete é quase impossível estabelecer uma comunicação.

Assim, podemos realizar a seguinte reflexão: Quem seria o deficiente? O surdo por não ouvir ou o ouvinte que não sabe Libras?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando todos os dados e informações geradas a partir do questionário de pesquisa, foi possível constatar que é preciso informar a população ouvinte sobre as particularidades da comunidade minoritária surda. Além disso, por mais que os surdos tenham conquistado mais espaço, é possível criar novos horizontes, para a futura geração a partir da informação.

É perceptível que ainda nos dias atuais muitas crianças surdas ainda são reprimidas por algumas pessoas que as considerarem como incapazes. Através de alguns argumentos presente neste artigo, podemos visualizar a falta de compreensão de algumas pessoas referente ao tempo atual.

É indubitável que todos os governantes que regem o país com intuito de manter a igualdade entre os povos, ampliem cada vez mais projetos voltados a distribuição de conhecimento, por meio de trabalhos sociais, oficinas e tarefas para os participantes desses projetos que poderiam ter uma ênfase maior no meio político, assim todas as comunidades, poderiam ampliar e modificarem suas ideologias formadas e teriam uma compreensão melhorada, quando se diz respeito aos surdos.

Dessa forma será possível visualizar todos como capacitados e iguais. Com isso, a continuidade das predefinições ultrapassadas que a maior parte da população apresenta e compartilha com os demais, poderiam tomar rumos diferentes. Dessa forma convertendo tudo, fazendo com que chegue próximo do que a comunidade surda tanto espera e todos os seus defensores.

Faz-se necessário que toda a população e, principalmente, pais de crianças surdas tentem e busquem o contato direto com a comunidade surda, para que os filhos não passem pelo mesmo caso de Emmanuelle Laborit (1996). E na esperança de uma acessibilidade ainda maior, com ênfase na comunidade ouvinte para que esse tema seja melhor argumentado. Com isso poderá iniciar um mundo que os surdos tanto esperam, no entanto, vale ressaltar que a população não poderá se distanciar da realidade vivenciada no cotidiano dos surdos, assim possibilitará distinguir e eliminar todas as crenças e informações incoerentes desenvolvidas pelos ouvintes desinformados sobre o que de fato é a surdez, afim de quebrar esse paradigma que atualmente nos acompanha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. Presidência da República. Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS e dá outras providências.** Brasília: 2002.

_____. Presidência da República. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a regulamentação da Lei nº 10.436 e o art. 18 da Lei nº 10.098.** Brasília: 2005.

FERNANDES, Eulália. (Org) **Surdez e Bilinguismo.** 2. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2007.

LABORTI, Emmanuelle. **O vôo da gaivota.** Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Beste Seller, 1996. Escrito com a colaboração de Marie-ThérèseCuny. Tradução Lelita Oliveira.

GESER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? – Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: parábola editorial. 2009.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** 4ªed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

JANUZZI, Gilberta S. de M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI,** 2 ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2006.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Fundamentos da Educação Especial.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1997.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A Educação do Surdo no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Rita de Cássia Santos. **Educação Especial em Sergipe: Uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas.** São Cristóvão: Sergipe. Dissertação (Mestre)- Universidade Federal de Sergipe, 2000.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **Gênese da educação de surdos em Aracaju.** São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

QUADROS, R. M. & KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

[1] Antigo Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, fundado por Dom Pedro II, pela Lei nº 839 de 26 de Setembro de 1857 (MAZZOTTA, 2005, p. 29). A nova denominação é adotada em 1957, pela Lei nº 3.198 de 6 de julho, e expressa o caráter educativo que o instituto passaria a assumir na perspectiva dos que promoveram a mudança (SOARES, 2005, p. 78).

[1] Mudo: Indivíduo que não fala; quem perdeu a capacidade de falar.

Surdo: Indivíduo que não ouve, que apresenta de surdez.

[1] Mímica: maneira de expressar o pensamento por meio de gestos, expressões corporais e fisionômicas.